

Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas

Luciani Tenani*

As considerações a serem feitas neste texto estão baseadas na mesma concepção teórica sobre escrita explicitada por Capristano (2004) em *A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais*, que, como este texto, integrou a mesa-redonda *O modo heterogêneo de constituição da escrita: um olhar para a escrita infantil*, coordenada pelo prof. Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília), durante o 6º ENAL. Desse modo, não é repetida aqui a explicitação de questões teóricas e metodológicas e aos interessados faz-se necessária a leitura daquele texto, publicado neste mesmo volume da revista. O ponto de partida, portanto, é a formulação das nossas considerações a respeito das segmentações não-convencionais da escrita.

Os dados analisados por Chacon (2003a) e Capristano (2003) põem à mostra o modo heterogêneo de constituição da escrita, tal como proposto por Corrêa (1997). Ao considerar textos de crianças em fase inicial de aquisição da escrita, Capristano (2003) privilegia a análise de dados cuja característica principal é a ocorrência de segmentação não-convencional em relação à escrita institucionalizada. E, não por acaso, Capristano (2003) identifica quatro tipos de segmentação não-convencional, sendo que três desses tipos se definem em função da consideração de uma hierarquia de domínios prosódicos (tal como proposta por Nespor e Vogel, 1986).

Das 248 ocorrências encontradas por Capristano (2003), apenas 20,5% das ocorrências resultam de tentativas de escrita alfabé-

* libilce/Unesp, lutenani@ell.libilce.unesp.br

Agradeço à FUNDUNESP o auxílio financeiro que me foi concedido para participar do 6º ENAL, ocorrido em outubro de 2003, na PUCRS, Porto Alegre.

tica, e a maioria – 79,5% (ou seja, 197) – pode ser vista como ocorrências que resultam de oscilação entre informações sobre o código escrito institucionalizado e (o que em um primeiro momento denominaria de) *percepções de fronteiras de constituintes prosódicos*.¹

Capristano (2003, p. 97), acertadamente, identifica três tipos de funcionamento dessas percepções de fronteiras de constituintes prosódicos, quais sejam:

- a) segmentações não-convencionais resultantes de oscilação entre diferentes trânsitos por constituintes prosódicos e informações sobre o código escrito institucionalizado;
- b) segmentações não-convencionais resultantes de oscilação entre constituintes abaixo do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica (sílabas e pé) e informações sobre o código escrito institucionalizado;
- c) segmentações não-convencionais resultantes de uma maior percepção de constituintes acima do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica e, talvez, em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado.

Em *A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais*, Capristano (2004) apresenta a análise de ocorrências que pertencem ao último tipo proposto e, em *Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais*, Chacon (2004) tece considerações sobre dados que pertencem ao segundo tipo proposto. Minhas considerações, formuladas de modo muito preliminar, tomam como ponto de partida as características daquelas 79,5% ocorrências identificadas por Capristano (2003) como resultantes da oscilação entre informação do código escrito institucionalizado e a percepção do escrevente sobre fronteiras de constituintes prosódicos.

A predominância de aspectos prosódicos como sendo relevantes para interpretar o modo pelo qual os espaços em branco ocorrem nos textos infantis pode ser tomada como um indício de que as fronteiras (e possivelmente também a proeminência) de constituintes prosódicos maiores do que a palavra têm alguma realidade psicológica para os falantes.²

¹ Considero, neste momento, apenas as fronteiras de constituintes, pois as segmentações não-convencionais põem em cena os espaços em branco os quais são tomados como índices de fronteiras de domínios. Por essa razão, apenas quando for pertinente para a análise será feita alguma observação sobre a percepção de possíveis proeminências dos domínios prosódicos.

² Descartamos a possibilidade de as segmentações em análise serem motivadas por apenas características fonéticas. Argumentos a favor de nossa análise são apresentados quando consideramos os dados de segmentação não-convencional da escrita.

Os dados selecionados por Capristano (2003) permitem observar, de modo relativamente privilegiado, pistas das características prosódicas da língua. Afinal, é tema de discussão saber como a língua é organizada prosodicamente e, em particular, como é a organização prosódica do português (cf. entre outros: Tenani, 2002; Frota, 1998).

Outro aspecto a ser considerado toma como ponto de partida a observação de Chacon (2003b) quando analisa dados que parecem mostrar que

diferentemente de um funcionamento hierárquico no desempenho, vários constituintes prosódicos parecem atuar simultaneamente na organização do produto escrito da criança nesses momentos de segmentação não-convencional. Mas, ao mesmo tempo, essa atuação simultânea ou oscilação entre vários constituintes parece se dar, também simultaneamente, em função da circulação do sujeito escrevente por práticas letradas, sobretudo aquelas que se desenvolvem em contexto escolar. (grifos meus)

As análises de Chacon (2003b), e também de Capristano (2003), são baseadas no modelo de hierarquia prosódica de Nespor & Vogel (1986).³ Essa abordagem dos constituintes prosódicos (bem como a de Selkirk, 1984) nos leva a conceber o funcionamento dos constituintes prosódicos de maneira relativamente estável, na medida em que um constituinte hierarquicamente superior domina o constituinte inferior, como se exemplifica a seguir.⁴

- (1) a. | (Carlos) ϕ (dorme \underline{C} edo) ϕ | I
b. (<Carlos> Σ) ω (<dorme> Σ) ω (<cedo> Σ) ω

Colocamos em discussão essa relativa estabilidade que o funcionamento dos constituintes prosódicos teria na oralidade e argumentamos que, seja na oralidade, seja na produção escrita em fase inicial do processo de aquisição, existe a convivência de Possibilidades de organização de enunciados em constituintes prosódicos que estão articulados à veiculação de mais de um sentido.

Evidências a favor dessa interpretação podem ser observadas quando entra em cena o funcionamento de textos chistosos. Após a

³ Na proposta de Nespor e Vogel (1986), são sete os constituintes, organizados segundo a seguinte hierarquia: enunciado fonológico (U) > frase entoacional (I) > frase fonológica (ϕ) > grupo clítico (C) > palavra fonológica (ω) > pé (Σ) > sílaba (σ).

⁴ No exemplo, os constituintes prosódicos são indicados por seus respectivos símbolos e as fronteiras desses constituintes são indicadas por parênteses e chaves. A título de exemplificação, são sublinhadas as sílabas proeminentes da frase fonológica em (a) e dos pés em (b).

consideração do chiste em (2), analisamos textos produzidos na fase inicial da escrita.

- (2) *No confessionalário chega um rapaz e se põe de joelhos diante do padre:*
- *Filho, quais são seus pecados?*
 - *Padre, há um ano comunguei.*
 - *E o que mais te incomoda?*
 - *Padre, o senhor não me entendeu...*

Nessa piada, a seqüência *há um ano comunguei* tem duas leituras a depender da segmentação da seqüência [komuŋ'gei].⁵ A primeira, relacionada ao *script* "igreja" inicialmente acionado no texto, pode ser parafraseada como: *já se passou um ano da última vez que tomei a eucaristia (comunguei)*. A segunda leitura (relacionada ao *script* da sexualidade) advém da segmentação alternativa *como um guei*⁶ e pode ser parafraseada como: *desde o último ano tenho transado com um homossexual*.

As duas leituras possíveis aproximam dois enunciados pertencentes aos discursos da religião e da sexualidade. Esses dois enunciados são construídos a partir da "descoberta" de possibilidades de sentidos associados às diferentes segmentações da cadeia fônica.

Esse mecanismo de encontrar segmentações alternativas de uma cadeia fônica revela, por sua vez, palavras sob as palavras. No exemplo dado, as palavras *como um guei* estão na palavra *comunguei*.

Na fala, a identificação de palavras pode ser feita com base no acento primário, mas essa informação pode não ser suficiente (especialmente quando se consideram artigos, pronomes átonos, algumas preposições). Um exemplo da dificuldade de identificação das fronteiras de palavras encontra-se na segmentação alternativa *como um guei* que, prosodicamente, apresenta uma fronteira entre *como* e *um* (cf. (como)ω=C (um guei)ω=C)⁷ e, foneticamente, apresen-

⁵ Por uma questão de formatação do texto, optamos por não fazer uma transcrição usando os símbolos do IPA e por não apresentar uma transcrição fonética refinada da seqüência considerada. Observamos, porém, que no dialeto considerado (paulista) a vogal [u] é nasalizada e, muito freqüentemente, não se percebe auditivamente a consoante nasal travando sílaba. A mesma observação vale para as demais transcrições segmentais presentes neste texto.

⁶ A forma *guei*, aporuguesamento do lexema inglês *gay*, é dada pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª edição, de 1986, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

⁷ Um problema extra para a análise prosódica é definir as fronteiras da palavra fonológica e do grupo clítico. Sobre esse assunto, não trataremos neste texto. Na análise:

ta uma junção entre essas mesmas palavras, resultando em uma "só palavra": [ˈkomuŋ].

Poder-se-ia supor que essas duas possibilidades de sentidos estão aparentemente explícitas quando os enunciados são escritos, pois os espaços em branco indicam as fronteiras de palavras. No entanto, outras possibilidades de sentidos se apresentam (sem que seja possível identificá-las no texto escrito) quando consideradas as possibilidades de diferentes sílabas serem proeminentes no enunciado, a saber: *como um guei* ou *como um guei*. Ou seja, podem ser topicalizados tanto a ação (*comer*), quanto o objeto da ação (*guei*). Em termos de constituintes prosódicos, é possível afirmar que pelo menos duas sílabas são candidatas a carregar a proeminência do enunciado fonológico (U), constituinte mais alto da hierarquia prosódica.

Essas possibilidades de sentidos articuladas às possibilidades de segmentação da cadeia fônica e da localização dos elementos proeminentes nessa cadeia fônica estão "latentes" no enunciado. Entender a piada pede a descoberta de possíveis similaridades na cadeia fônica que estão "estrategicamente" articuladas com as dessemelhanças que se tornam visíveis por meio da consideração das possibilidades de localização das fronteiras de constituintes prosódicos e dos elementos proeminentes do enunciado.

Essa descoberta implica, por parte do leitor/ouvinte, um trabalho epilingüístico e exige um sujeito que manipula a língua e os possíveis sentidos associados aos enunciados.

De certa forma, o trabalho de descoberta dos possíveis sentidos e das possibilidades de segmentação de uma cadeia fônica (o que implica a percepção de fronteiras de constituintes prosódicos) também pode ser observado em textos produzidos em fase inicial do processo de aquisição da escrita. Especialmente nas produções textuais que se caracterizam por segmentações não-convencionais, observa-se uma descoberta das possibilidades de segmentação que acionam, mas não necessariamente, possibilidades de sentidos, como é exemplificado em (3) e (4). Essas segmentações foram produzidas, respectivamente, por uma criança e por um adulto.

Dados de criança

- (3) FELIZ BINA

Felisbina

(Figura 15: texto 11-01, Capristano, 2003: 134)

optamos por indicar que as fronteiras de palavra fonológica (ω) e de grupo clítico (C) são as mesmas.

Dados de adulto

- (4) *O home esta na dando*
O homem está nadando
(Cf. Figura 2 em anexo)

Na segmentação apresentada em (3), o escrevente identificou na seqüência [felizbina] a palavra *feliz*, enquanto *bina* poderia, mas não necessariamente, ser o nome próprio de alguém. Em (4), o escrevente identificou na seqüência [nadädu] “duas palavras” (que devem ser escritas separadamente por um espaço em branco) *na dando*, enquanto *nadando* seria a segmentação desejada, quando considerado o texto em que as segmentações ocorrem. Vê-se, pois, segmentações alternativas de uma dada cadeia fônica.⁸ Acreditamos, como Abaurre (1996), que o processo de aquisição da escrita é um momento em que a criança, e também o adulto que se encontra na mesma fase inicial no processo, descobre as possibilidades de significação de uma mesma cadeia fônica.

A análise acima também exemplifica o que tem sido constatado em vários trabalhos (Abaurre, 1996; Silva, 1994; Capristano, 2003): a presença de diferentes segmentações para (o que tem sido chamado de) uma mesma “unidade”. Frequentemente, são identificadas como “flutuações” que ocorrem em um mesmo texto ou em textos diferentes produzidos por um mesmo sujeito. A co-ocorrência de formas de segmentações que incluem também as que seguem as formas convencionais da escrita institucionalizada pode ser, segundo Capristano (2003, p. 137), tomada como indicio da indeterminação, da mudança e da heterogeneidade da escrita.

Dados que sustentam essas afirmações são apresentados a seguir. A criança que produziu o dado em (3) *FELIZ BINA* também, no mesmo texto, produziu a segmentação em (5) *FELIZBINA*, uma forma de grafar mais próxima da forma convencional. Nos dados de (6) a (12), observam-se diversas possibilidades de segmentação das seqüências: [kõtaminada], [kõtaminado], [kõtaminado].⁹ Os dados de (6) a (9) são encontrados em um mesmo texto (cf. Figura 1 em anexo) e os dados de (10) a (12) em um outro texto (cf. Figura

2 em anexo), sendo ambos os textos produzidos por um adulto em fase inicial do processo de aquisição da escrita.

- (5) *FELIZBINA*
Felisbina
(Figura 16: texto 11-01, CAPRISTANO, 2003, p. 135))
- (6) *afruta com taminada*
(a fruta contaminada) ϕ
- (7) *eaminina esta com taminada com ovo*
e a menina (está contaminada) ϕ com ovos
- (8) *esaminina esta com taminada*
e a menina (está contaminada) ϕ
- (9) *ovo jaesta saindo pela asfes e contaminado aterra*
e o ovo já está saindo pelas fezes e (contaminando) ϕ a terra
- (10) *E ele esta contaminado*
E ele está (contaminado) ϕ
- (11) *E lagoa es ta toda com taminada*
E a lagoa está (toda contaminada) ϕ
- (12) *E agua es tacontá minada*
E a água (está contaminada) ϕ

Da análise dos dados de (6) a (12), basicamente, encontramos apenas uma ocorrência para *contaminado* e *contaminando*, sendo que as segmentações para ambas são próximas das formas convencionais da escrita institucionalizada. Prosodicamente, além de diferenças na localização das fronteiras de palavra fonológica também se verifica que a mesma seqüência ora constitui uma frase fonológica formada por apenas uma palavra fonológica – por exemplo, (9) (*contaminando*) ϕ – e ora pertence a uma frase fonológica formada por, ao menos, mais uma palavra fonológica – por exemplo, (6) (*a fruta contaminada*) ϕ . Chama a atenção o fato de a segmentação escolhida ser próxima da forma institucionalizada justamente quando a seqüência em foco é uma frase fonológica com uma única palavra fonológica. Uma análise mais detalhada dessa observação escapa dos nossos objetivos neste texto, mas não nos furtamos

⁸ Quanto aos constituintes prosódicos, a seqüência em (3) pode ser uma palavra fonológica [felizbina], constituída de dois pés binários [feliz] [bina], ou, alternativamente, duas palavras fonológicas [feliz] [bina]; a seqüência em (4) pode ser uma palavra fonológica [nadando], ou, alternativamente, um clítico e uma palavra fonológica respectivamente, [na] e [dando], que formam um grupo clítico [na dando].

⁹ Cf. indicação das fronteiras da frase fonológica (ϕ) na linha abaixo do dado. Embora relevantes, não indicaremos as fronteiras dos demais constituintes prosódicos em razão dos fatos em análise.

a especular que, talvez, o tipo de constituição do domínio prosódico também possa contribuir para a escolha de segmentação.

Já para *contaminada* são duas as segmentações não-convencionais encontradas: (a) *com taminada* e (b) *taconta minada*. A primeira segmentação, encontrada em (6), (7), (8) e (11), traz, na forma de grafar *com*, uma pista “da atuação” do código escrito institucionalizado. A segunda segmentação, encontrada em (12), revela a percepção do constituinte prosódico da frase fonológica – na medida em que (*es)tá contaminada* forma uma única frase fonológica – ou ainda do constituinte pé – na medida em que, por razões rítmicas, podemos encontrar pés ternários como *taconta minada*.

Para além dessas possibilidades de segmentação baseadas na percepção de constituintes prosódicos, verifica-se que a segmentação em (12), por exemplo, é, muito provavelmente, motivada pela organização do texto no espaço em branco: nesse caso, pela falta de espaço para continuar a escrever sob o desenho da larva (cf. Figura 2 anexo). Verifica-se, desse modo, que a disposição gráfica do texto também deve ser considerada quando analisadas as segmentações não-convencionais da escrita.

Resumidamente, a análise das segmentações de escrita selecionadas permite observar a heterogeneidade da escrita na medida em que (i) práticas orais e letradas convivem simultaneamente em um texto ou em textos diferentes produzidos pelo mesmo sujeito, e (ii) os aspectos gráficos (como, por exemplo, a forma de disposição do texto na folha em branco) interferem nas condições de produção do texto. Identificamos, nas pistas deixadas pelo escrevente, o trabalho do sujeito com a linguagem que engloba também a descoberta das possibilidades de sentido de uma cadeia fônica.

Não só se verifica a atividade do sujeito em relação à língua e sobre a língua simultaneamente. Os dados de escrita, como também os textos chistosos, revelam ainda a ambigüidade da língua, põem à mostra suas imperfeições estruturais. Eis uma brecha para escolhas. Pequenas escolhas que o sujeito faz no momento de enunciar/de escrever.

Ao se considerar uma determinada cadeia fônica, por exemplo [komuŋ'gei], não é possível determinar uma única segmentação “adequada” (*comunguei* ou *como um guei*) ou a “adequada” localização do acento entoacional da frase (seja em “guei”, quando *comunguei* ou *como um guei*, seja em “co”, quando *como um guei*), porque mais de uma possibilidade se apresenta. O mesmo pode ser observado em relação à seqüência [kõtaminada], cujas possibilidades de segmentação (*conta minada*, *com taminada*, *contaminada*) e de localização de acento de palavra (*conta minada*, *com taminada*, *con-*

taminada) se apresentam de modo a tornar observável possibilidades de sentidos da seqüência focalizada.

Com base na análise dos dados de segmentação não-convencional da escrita e de textos chistosos, argumenta-se contra a concepção de que há apenas uma estrutura adequada para cada enunciado (e conseqüentemente apenas uma forma de escrita possível) e a favor da tese que admite que as estruturas lingüísticas veiculam mais de um sentido e não apenas “o adequado”. Isso não implica afirmar, no entanto, que veicula qualquer um. Admitir que existe um sujeito que age sobre a língua, não implica que possa fazer qualquer coisa ao falar/ao ouvir/ao escrever.

A análise detalhada das possíveis estruturas prosódicas organizadas em domínios ajuda a explicitar a complexidade de sentidos associados às possíveis estruturas de um enunciado. Nas abordagens formais da fonologia prosódica, quando não se verificam empiricamente os constituintes prosódicos, tal como previstos pelos algoritmos de formação, são previstas reestruturações desses domínios (especialmente os domínios da frase entoacional e do enunciado fonológico) que “dependem em grande parte de como atuam os aspectos globais da situação de fala”. Sobre a possibilidade de reestruturação dos domínios prosódicos, podemos encontrar em Nespor e Vogel (1986, p. 193) as seguintes considerações:

We have already seen in relation to the phonological phrase that at least, in some languages, the length of certain phonological constituents plays a role in determining the ultimate division of string into ϕ s [...] It will be shown [...] that the intonational phrase, too, may undergo a process of restructuring. Three other factors we will also examine here are rate of speech, style, and contrastive prominence. Since I restructuring depends in large part on rather global aspects of the speech situation, it in not predict exactly when it will occur. [grifos meus] (Nespor e Vogel, 1986, p. 193).

Uma leitura atenta permite verificar que a topicalização de uma porção do enunciado (*contrastive proeminence*), o estilo e as velocidades de fala são até mencionados no texto. Contudo, é mínima a formulação do que venham a ser os processos que geram tais reestruturações. Aliás, o próprio termo “reestruturação” pressupõe uma estrutura ideal que, quando enunciada (ou em “situações de fala”), sofre alteração.¹⁰ Essa concepção de reestruturação tem por base a oposição chomskyana competência *versus* desem-

¹⁰ Cabe observar que o modelo da Teoria da Otimalidade (ou Otimidade) busca solucionar alguns dos problemas de análises feitas em modelos como o de Nespor e Vogel (1986). Uma discussão acerca dessa teoria não se fará neste trabalho.

penho, que guarda relação com a dicotomia básica saussureana: a língua, um sistema homogêneo, social, e a fala, o domínio do indivíduo que usa o sistema. No entanto, a análise em domínios prosódicos dos dados selecionados torna evidente a natureza não homogênea constitutiva da língua, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita.

Uma "lingüística das formas" que não trata com o rigor necessário das alternativas da própria estrutura parece não alcançar completamente os seus propósitos. A explicitude não é levada a cabo nos domínios em que as possibilidades de estruturação dos enunciados (ou a "reestruturação" nos termos da teoria fonológica) estão mais evidentemente articuladas à veiculação de mais de um sentido. Fica, pois, colocado em segundo plano o motor gerador da possibilidade de reestruturação: a ambigüidade constitutiva da língua.

A abordagem defendida aqui é a de não temer o desafio de identificar as "fendas e rachaduras" das estruturas lingüísticas e de explicitar a porosidade das palavras que veiculam muitos sentidos (mas não qualquer um). Constata-se, assim, que as palavras não coincidem com elas mesmas: há palavras "escondidas" sob as palavras (cf. Authier-Revuz, 1998, p. 26).

A análise de dados que se caracterizam por uma convivência de constituintes prosódicos (sejam ou não motivados na percepção de fronteiras ou proeminências da oralidade) permite encontrar evidências de que a língua, em sua modalidade oral ou escrita, não pode ser tomada como o domínio do homogêneo, do fechado, do repetível, mas sim, como um campo marcado pela heterogeneidade de que o atravessa. Nas palavras de Authier-Revuz (1998, p. 166), "a língua articulando-se ao sujeito e 'ao mundo', e pelo caráter não-repetível da compreensão que dele se pode ter, [é] inevitavelmente afetada pela subjetividade e pela incompletude".

Enfatiza-se que em dados da fase inicial do processo de aquisição da escrita (seja produzido por crianças ou por adultos) não só se manifestam essa subjetividade e incompletude da língua, mas também se observa o modo heterogêneo de constituição da escrita.

Referências

ABAURRE, M. B. M. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 111-178.

AUTHIER-REVUZ, J. Duas ou três coisas sobre as relações da Língua com o que ela não é... In: *Palavras incertas: as não coincidência do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 165-175.

CAPRISTANO, C. C. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São José do Rio Preto: 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

———. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 3. Porto Alegre, p. 255-270, 2004.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas: 1997. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHACON, L. Oralidade e letramento na aquisição da pontuação. *Anais do V Encontro do CELSUL*. Curitiba (PR): Fundação Araucária, 2003a (CD ROM).

———. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Anais do VI Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: PUCRS, 2003b; p. 19-20.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. Tese de Doutorado. Lisboa. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax, the relation between sound and structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1994.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Campinas: 2002. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

Figura 1

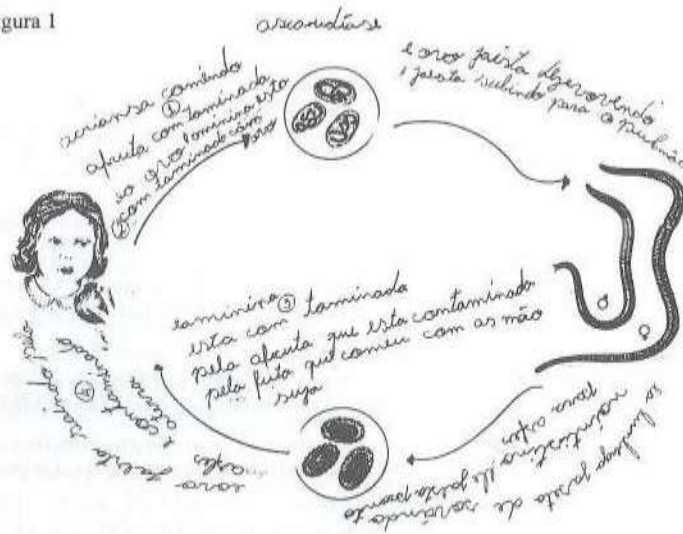


Figura 2

